



SEBASTIÃO

O GUARDIÃO DAS APARÊNCIAS BURGUESAS

Bruna Senke Marcelino

(UFRP)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Bruna Senke Marcelino é Licenciada em Letras Português/Alemão pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2022). Entre os anos de 2017 e 2018 atuou como pesquisadora bolsista UFPR/TN (Tesouro Nacional) no programa de IC sob orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Wachowicz apresentando o trabalho "Transcrição de dados longitudinais para estudos de aquisição de estruturas argumentais com causação no português brasileiro (PB)". No período de 2019-2020 atuou como pesquisadora voluntária e posteriormente como bolsista CNPq de Iniciação Científica com trabalho de análise de debates públicos sobre escravidão em periódicos de língua alemã em Curitiba de 1887 e 1888 sob orientação do Prof. Dr. Paulo Astor Soethe, trabalho que recebeu 1º lugar na Banca 38 da categoria de Humanas apresentado na 11ª SIEPE (Semana Integrada De Ensino, Pesquisa e Extensão) da UFPR. Realizou em 2020 viagem de estudos à Alemanha com bolsa fornecida pelo DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) para participação no programa Studienreisen für Gruppen von ausländischen Studierenden in Deutschland. No ano de 2022 recebeu bolsa integral pelo OeAD (Agência austríaca de Educação e Internacionalização) para realizar o curso de verão de Língua, Literatura e Cultura (Sommer Intensiv 2022. Deutsch als Fremdsprache. Sprache-Kultur-Literatur) pela Universidade de Graz na Áustria. Atualmente é mestranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Paraná e desenvolve pesquisa na linha de Alteridade, Mobilidade e Tradução sob orientação da Profa. Dra. Ruth Bohunovsky. Em 2023 realizou um estágio de pesquisa documental e bibliográfica no Arquivo de Literatura Alemã (DLA) na cidade de Marbach, na Alemanha, sobre o romance "Die grössere Hoffnung" da escritora austríaca Ilse Aischinger através do programa Marbacher Stipendienprogramm.. E-mail: brunamarcelino38@gmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente trabalho busca investigar a atuação de Sebastião no romance <i>O primo Basílio</i> (1878) de Eça de Queirós (1845-1900) frente à defesa das aparências que mantém a sociedade burguesa lisboeta. Pretende-se analisar a comportamento dessa personagem principalmente através de seus discursos, pois a figuração da personagem se dá de forma dinâmica no decorrer da narrativa. O objetivo deste estudo é verificar como a imagem da família burguesa e da esposa ideal se sustentam no romance diante da comunidade mesmo após o adultério, logo, tendo isso em vista, percebe-se que Sebastião atua de diversas formas para que a verdade sobre Luísa não seja revelada.</p>	<p>This paper aims to investigate Sebastião's role in the novel <i>O primo Basílio</i> (1878) by Eça de Queirós (1845-1900), as he defends the appearances maintained by Lisbon's bourgeois society. The intention is to analyze this character's behavior mainly through his speeches, since the character's figuration occurs dynamically throughout the narrative. The aim of this study is to see how the image of the bourgeois family and the ideal wife are maintained in the novel in the eyes of the community, even after the adultery, and so, with this in mind, we can see that Sebastião acts in various ways to prevent the truth about Luísa from being revealed.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
O primo Basílio; burguesia; século XIX	Cousin Bazilio; bourgeoisie; 19th century

INTRODUÇÃO

O romance de Eça de Queirós, *O primo Basílio* (2015) expõe ao leitor detalhes da sociedade oitocentista lisboeta, apresentando características – físicas e psicológicas – das personagens, de suas relações e do meio em que vivem, tornando-o um texto exemplar do Realismo. O autor afirma em carta a Teófilo Braga, escritor e seu grande amigo, escrita em 12 de maio de 1878¹, que “A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez a Constitucionalismo desde 1830 — e mostrar-lhe como num espelho, que triste país eles formam, — eles e elas”. Nesta carta, ele defende seu romance dizendo que não ataca a família em si, mas sim “[...] ataco a família lisboeta — a família lisboeta produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e mais tarde ou mais cedo centro de bambochata”, ou seja, ele coloca em cena um pequeno grupo doméstico e familiar e afirma que seu ataque é à burguesinha da baixa:

[...] a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já a não tem; sanção moral da justiça, não sabe a que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc., — enfim a burguesinha da baixa [...] (Queirós, 1978).

Assim sendo, Eça adota os fundamentos do realismo moderno, que são, de acordo com Auerbach (1976, p. 440) “O tratamento sério da realidade quotidiana”, visto que trata com seriedade os acontecimentos comezinhos de uma família; “a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial” em razão da trama girar em torno dos problemas existenciais de uma burguesinha da baixa, esposa de um engenheiro; e, por fim “o engarçamento de personagens e acontecimentos quotidianos quaisquer no decurso geral da história contemporânea” uma vez que tais situações, aparentemente banais, ocorrem em uma sociedade portuguesa que buscava entender, de acordo com Lilian Jacoto (2015, p. 7), o que a separava de uma “Europa reconhecidamente mais desenvolvida e civilizada”.

Queirós aplica-as de forma coerente em seu romance e a afronta contra a burguesinha se transforma em uma afronta contra toda a estrutura social subjacente - a

¹ A carta completa escrita por Eça de Queirós, na qual ele agradece os elogios tecidos às obras que elabora, como *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*, foi digitalizada e pode ser encontrada no arquivo do site do Museu da Presidência da República de Portugal.

sociedade como um todo (Moisés, 1995, p. 72), visto que, como veremos adiante, a família é uma instituição central na sustentação da sociedade burguesa vigente.

O romance ocorre, em grande medida, em torno de um lar burguês, que é, de acordo com Hobsbawm (2010, p. 350) a “quintessência do mundo burguês”, ou seja, é o que há de mais importante dentro desta sociedade, visto que ele concentra duas outras instâncias sociais fundamentais: a família e o capital. Através do casamento forma-se a família, que não era apenas uma unidade social burguesa central, mas também uma unidade central do sistema econômico, visto que ao estabelecer um casamento uniam-se empresas, heranças e propriedades, isto é, o capital (Hobsbawm, 2010, p. 358). À vista disso: “Qualquer coisa que enfraquecesse esta unidade familiar era inadmissível, e nada a enfraquecia mais do que a paixão física descontrolada, que introduzia herdeiros e noivas “inadequados” (isto é, economicamente indesejáveis), separava maridos de mulheres e desperdiçava recursos comuns” (Hobsbawm, 2010, p. 358).

Diante disso, um adultério era algo que certamente abalaria o casamento e consequentemente a posição de prestígio que uma família tinha na sociedade burguesa, e é, contudo, o que ocorre dentro do lar aparentemente harmônico e feliz do casal Luísa e Jorge. Então, para que a verdade oculta por trás das cortinas da casa burguesa não seja revelada, Sebastião, amigo íntimo de Jorge, age no decorrer da narrativa de modo a manter as boas aparências do lar do amigo, protegendo, portanto, a honra do homem e tentando manter a ordem social sustentada pela família.

Em razão de a família ser uma “pátria em miniatura”, como afirma Irene Vaquinhas (2011, p. 38) e outros autores², “se os alicerces daquela são minados, é a ordem social a grande vítima [...] Preservar a família, preservando a pátria, parece ser uma das principais questões de um intenso debate ideológico”. A pesquisadora portuguesa também explica que tais questões estavam impregnadas no aparelho jurídico da época, a partir do Código Civil napoleônico que foi a base de toda a jurisprudência europeia, inclusive a portuguesa, outorgou na lei a autoridade do homem sobre a mulher. Essas restrições de acordo com Fernando Catroga (1968 *apud* Vaquinhas, 2011) devem ser entendidas “à luz da mentalidade da época e da função social atribuída à família, a qual era considerada como a célula econômica e afectiva básica para a reprodução fisiológica e social e para a interiorização ideológica dos mecanismos de autoridade”. Sobre o assunto Kehl (1998, p. 32) também comenta o seguinte: “A família funcionava como ponto de convergência entre discursos e dispositivos de origens diversas, e ao mesmo tempo como espaço “privado”, isto é: imaginariamente, um espaço sobre o qual o poder não teria acesso”, tudo isso torna a

² A autora cita Victor de Moigénie, *A mulher em Portugal. Cartas dum estrangeiro*, Porto, 1924, p. 256 e Sanches de Frias, *A mulher sua infância, educação e influência social*, Livraria Central de Comeres de Carvalho Editor, Lisboa, 1911, p. 21.

família um pilar do mundo burguês.

1 AS APARÊNCIAS BURGUESAS

Para preservar esta instituição social é preciso que as aparências sejam mantidas, e, nesse sentido, Franco Moretti, em seu livro sobre a burguesia *O burguês: entre a história e a literatura* (2014) usufrui de uma metáfora referente ao ocultamento que há na sociedade burguesa ao tratar sobre o *por trás do véu* da sociedade burguesa. Moretti defende que, para a burguesia, contanto que as verdades não viessem à tona, tudo estava bem. O lar burguês, abrigo da família, passa a impressão de ser “demasiadamente repleto e oculto, uma massa de objetos, frequentemente escondidos por cortinas, toldos, tecidos e papéis de parede, e sempre muito elaborados, fosse o que fosse” (Hobsbawm, 2010, p. 350). Assim como o interior do lar burguês, oculto pelas cortinas e tecidos, vivia-se em um estado de negação em relação à verdade na conduta das vidas conjugais que deveria estar oculta ante à aparência da família burguesa defendida socialmente. O casamento, núcleo da organização burguesa e pilar de sustentação da sociedade, era a instituição que concentrava as aparências que necessitavam serem vistas pelas demais famílias da comunidade, como explicita Massaud Moisés, em seu texto sobre o ideário estético de Eça:

Com *O Primo Basílio*, Eça desloca-se para a cidade, a sondar as moléstias degenerescentes no centro nevrálgico da Nação. A Capital: o ficcionista penetra agora num recesso dum lar burguês pretensamente sólido e feliz, e nele descobre a existência de igual podridão moral e física; um matrimônio efetuado “no ar” por Luísa, uma adolescente tonta de todo e cheia duma vida imaginativa e vegetativa, revela-se frágil com o afastamento do marido, Jorge, que viaja para o Alentejo a fiscalizar suas “minas”, e a chegada do sedutor, o Primo Basílio; formando o banal trio amoroso, o núcleo mesmo da organização burguesa, o casamento, deixava-se atingir mortalmente pelo adultério (Moisés, 2006, p. 195).

Sebastião é quem, na obra de Eça em questão, salvaguarda os males do casamento para que estes não sejam trazidos para a luz do dia. O amigo íntimo da casa, muito apreciado por Jorge devido a relação de longa data iniciada na infância, preocupa-se demais com a reputação de Luísa, principalmente quando ela passa a receber constantes visitas do primo Basílio durante o período de ausência de seu esposo.

A sociedade oitocentista vive as transformações consequentes, dentre outras, da Revolução Francesa, que elevou a burguesia ao poder, e às quais Portugal e, mais especificamente, Lisboa, tiveram de se aclimatar. Michelle Perrot, no livro *História da*

vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra, esmiuça o que há por trás da cortina³ do lar burguês e explica que “[...] a Revolução acentua a definição das esferas pública e privada, valoriza a família, diferencia os papéis sexuais estabelecendo uma oposição entre homens políticos e mulheres domésticas.” (Perrot, 2009, p. 14). Desse modo, passa a ser cada vez mais marcada a separação dos espaços ocupados por homens e mulheres. “As mulheres eram tidas como a representação do privado” afirma Hunt (2009, p. 23), e em *O primo Basílio* isso está evidente, é Jorge, o marido, quem ocupa efetivamente o espaço externo, enquanto Luísa fica reclusa à casa, ainda mais quando o marido viaja ao Alentejo e ela fica fadada a ociosidade: “Mas estava tão farta de estar só! Aborrecia-se tanto! De manhã, ainda tinha os arranjos, a costura, a toilette, algum romance... Mas de tarde!” (Queirós, 2015, p. 69).

Ainda assim, a instituição matrimonial não deveria ser violada perante a comunidade, contudo os comportamentos das personagens demonstram que a regra que de fato vigorava era outra, da mesma forma que explica Hobsbawm:

Aqui as regras do jogo eram perfeitamente entendidas, incluindo a necessidade de uma certa discrição nos casos onde a estabilidade da família ou da propriedade burguesa pudesse ser ameaçada: paixão, como qualquer italiano da classe média ainda conhece, é uma coisa, "a mãe dos meus filhos" é outra bem diferente. A hipocrisia entrava neste tipo de comportamento apenas pelo fato de que as mulheres deveriam permanecer totalmente fora do jogo, quer dizer, na ignorância do que os homens (e outras mulheres) faziam. (Hobsbawm, 2010, p. 354).

Portanto, os adultérios poderiam ser cometidos e eram tolerados se fossem práticas masculinas, as mulheres, porém, estavam vedadas de cometer tais atitudes. E, nesse livro de Eça, vários adultérios são cometidos, não só o central na tríade: Luísa, Basílio, Jorge. O primeiro exemplo disso está nas atitudes de Leopoldina, amiga de Luísa de longa data, em relação ao seu casamento. A grande amiga de Luísa trai seu marido e todos sabem, logo, ela age contra as regras do jogo, o que a torna desprestigiada na sociedade burguesa. Ela era considerada uma péssima companhia porque suas ações infringem o pilar da burguesia, a família nuclear. É chamada de “A pão e queijo” por Jorge, que desaprova as visitas dela à sua casa ressaltando que a vizinhança veria e haveria de comentar, de forma que o prestígio da família poderia diminuir: “É por causa de ti! É pelos vizinhos! É por causa da decência!” (Queirós, 2015, p. 43) diz Jorge à Luísa. Visto que aquela mulher não era respeitada e não seria bom para a família dele, diante da comunidade, estar relacionada à tal pessoa. Jorge também

³ O livro é dividido em quatro capítulos “Levanta-se a cortina”, “Os atores”, “Cenas e Locais” e “Bastidores”. Ou seja, a vida burguesa privada pode ser entendida como uma grande encenação.

fala que a casa deles é tão honesta que não deveria recebê-la, o que ironicamente antecipa os posteriores acontecimentos de traição. Leopoldina é exatamente a representação oposta da conduta feminina esperada pela burguesia, que, de acordo com Maria Rita Kehl (2008) colocava a mulher na seguinte posição:

[...] a dependência material que infantilizava a mulher burguesa e de classe média e limitava seu campo de ação e circulação; as vicissitudes da maternidade e os discursos morais (particularmente contra a atividade sexual não procriativa) que a acompanhavam; a falta de condições de cidadania que apartava as mulheres da esfera pública e as condenava a um isolamento no espaço doméstico onde a fantasia era a forma privilegiada de realização de desejos e o devaneio nem sempre encontrava seus limites, esbarrando nas duras arestas das regras que pautavam a vida social. (Kehl, 2008, p. 97).

Assim sendo, a amiga de Luísa é absolutamente desprezada e condenada por Jorge e Sebastião, este último preocupa-se primeiramente com a vizinhança saber da visita da mulher, ainda mais essa vizinhança que, de acordo com ele, era péssima:

Era um horror de rua! Pequena, estreita, acavalados uns nos outros! Uma vizinhança a postos, ávida de mexericos! Qualquer bagatela, o trotar de uma tipoia, e aparecia por trás de cada vidro um par de olhos repolhudos a coçar! E era logo um badalar de línguas por aí abaixo, e conciliábulos, e opiniões formadas! Fulano é indecente, fulana é bêbada! (Queirós, 2015, p. 62).

Em comparação a essa figura desprezada pelas suas atitudes está a personagem principal até então considerada muito pura, um anjo, dizem alguns. Ela inicia a narrativa tendo um grande apreço pela sociedade, sendo exemplo de conduta a ser seguida por uma mulher na burguesia “saiu muito boa dona de casa” (Queirós, 2015, p. 26). Ela estava fora da esfera pública e condenada ao espaço doméstico, até então exercia bem sua função “na repartição de espaços que a cada sexo foi atribuído – aos homens os espaços públicos e exteriores, às mulheres, os espaços privados e domésticos” (Vaquinhas, 2011, p. 36).

Em um exemplo notável da importância da preservação do casamento diante de uma traição feminina, Jorge expressa sua opinião de forma contundente durante uma reunião com amigos ao domingo. O tema em discussão era a peça de teatro que um deles estava escrevendo, na qual a esposa trai o marido, que descobre e acaba por matá-la. No entanto, o dramaturgo deseja suavizar o desfecho, pois considera-o excessivamente violento. Jorge, porém, é contra, acredita que ela deve realmente morrer, pois a sua atitude é totalmente inaceitável “Mata-a! É um princípio de família! Mata-a quanto antes!” (Queirós, 2015, p. 58). Contudo ele próprio havia sido parte de um adultério ainda nos tempos de juventude: “Só duas vezes por semana,

regularmente, ia ver uma repariguita costureira, a Eufrásia, que vivia ao Borratem, e nos dias em que o Brasileiro, o seu homem, ia jogar o bóston ao clube, recebia Jorge com grandes cautelas e palavras muito exaltadas;” (Queirós, 2015, p. 25). No entanto, por ser homem, jovem e burguês estava permitido socialmente a apresentar esta conduta:

[...] um comportamento francamente duplo era aceito: castidade para mulheres solteiras e fidelidade para as casadas, a caça livre de todas as mulheres (exceto talvez filhas casadoiras das classes médias e altas) por todos os jovens burgueses solteiros, e uma infidelidade tolerada os casados (Hobsbawm, 2010, p. 240).

2 SEBASTIÃO E AS APARÊNCIAS BURGUESAS

O que se sabe sobre Sebastião, a princípio, na narrativa, não é muito, ele é exaltado, chamado de bondoso. Acrescenta-se a informação de que ele é muito próximo de Jorge, desde as aulas de latim. Fisicamente é descrito assim:

Era um homem baixo e grosso, todo vestido de preto, com chapéu mole desabado na mão. Começava a perder um pouco na frente os seus cabelos castanhos e finos. Tinha pele muito branca, a barba alourada e curta. [...] O seu rosto, em plena luz, tinha uma expressão honesta, simples, aberta os olhos pequenos, azuis de um azul-claro, de suavidade séria, adoçavam-se muito quando sorria: e os beijos escarlates, sem películas secas, os dentes luzidios, revelavam uma vida saudável e hábitos castos. Falava devagar, baixo, como se tivesse medo de se manifestar ou fatigar (Queirós, 2015, p. 60).

Contudo, para analisar a atuação dessa personagem na narrativa de forma mais profunda partiremos principalmente de seus discursos, ou seja:

[...] a reprodução da respetiva atividade verbal, compreendendo diferentes modalidades de elaboração e incluindo os pensamentos que configuram a sua vida interior. A referida atividade verbal depende de competências linguísticas atribuídas à personagem, no plano propriamente idiomático e no dos níveis de linguagem (Vieira, 2008, p. 115-122 *apud* Reis, 2018^a, p. 398).

E para compreendê-la como um todo teremos como fundamento a perspectiva de que para se constituir uma imagem da personagem faz-se necessário um olhar para a narrativa de forma ampla, visto que a figuração da personagem é:

[...] um processo ou um conjunto de processos, a figuração é dinâmica, gradual e complexa. Isto significa três coisas: que normalmente ela não se esgota num lugar específico do texto; que ela se vai elaborando e completando ao longo da narrativa; e que, por aquela sua natureza dinâmica, a figuração não se restringe a uma descrição, no sentido técnico e narratológico do termo, nem mesmo a uma

caracterização, embora esta possa ser entendida como seu componente importante (Reis, 2018b, p. 122).

3.1. INICIA-SE O FALATÓRIO

Luísa, muito apreciada por todos pela sua ternura e delicadeza, começa a encontrar-se com o primo e isso logo torna-se assunto na rua, visto que tal conduta não era aceitável para uma mulher burguesa. Sebastião, tendo recebido de Jorge, antes de sua partida, o pedido de que a visitasse e a advertisse sobre as visitas como a de Leopoldina, procura visitar a moça durante a ausência do marido, para fazer-lhe companhia, como o amigo havia solicitado (Queirós, 2015, p. 62). Contudo, não a encontra disponível justamente por ela estar com outro homem: “- Quem tocou há bocado? – perguntou Luísa. – Foi o sr. Sebastião. Não quis entrar disse que voltava. [...] começava quase a envergonhar-se de vir assim todos os dias, e encontrá-la sempre “com uma visita!”” (Queirós, 2015, p. 125). A citação expressa através do narrador os sentimentos da personagem que começa a se incomodar por sempre encontrar a amiga com um homem que ele não conhece, o que o deixa desconfiado. Mais uma vez vai Sebastião ao encontro da moça e a encontra com “o sujeito!” (Queirós, 2015, p. 126). Pensa que talvez fosse alguém relacionado aos negócios de Jorge “porque não compreendia que ela falasse, sentisse, vivesse, que não fosse no interesse da casa e para maior felicidade de Jorge” (Queirós, 2015, p. 126). O íntimo amigo tem a inocente e moralista visão de que a moça é o que se espera de uma mulher burguesa, à qual – como afirma Kehl (2008, p. 108) – “um casamento vantajoso não lhe ofereceria mais do que uma vida mais confortável como esposa e dona-de-casa”, mas era, contudo, “insuficiente para dar conta de sua sensualidade e suas fantasias exuberantes”.

Quando o amigo da família descobre que o homem que tem visitado Luísa é seu primo Basílio, por um lado se acalma, mas, por outro, continua receoso, já que não o conhecia bem, porém sabia de suas aventuras com mulheres na juventude e isso bastava para considerá-lo “um debochado, um perdido” (Queirós, 2015, p. 127). Em seguida, os vizinhos reparam e perguntam a Sebastião quem é o homem que tem visitado Luísa com frequência, ele logo explica que é o primo, que é um parente. Foi aí que percebeu em pensamento “Já temos falatório!” (Queirós, 2015, p. 128). A situação piora quando numa manhã um dos vizinhos comenta com Sebastião que Basílio havia sido noivo de Luísa, sobre isso o narrador comenta, “Sebastião entrou preocupado. Todo mundo começa a reparar, heim! Pudera! Um rapaz novo, janota, vir todos os dias de trem, estar duas, três horas! Uma vizinhança tão chegada tão maligna!...” (Queirós, 2015, p. 138). Os vizinhos ao ouvirem chegar o cupê, saem todos à porta ou à janela para ver quem chega na casa do engenheiro, e, entre eles “cochichavam, cravavam olhares pérfidos nas

varandas de Luísa, no cupê!” (Queirós, 2015, p. 138).

O amigo da família está bastante preocupado com os rumores que se espalham pela vizinhança. Sua principal inquietação é proteger a honra da família de Jorge. Por essa razão, ele procura orientação junto a Julião, buscando compreender qual é o seu dever em relação a informar a jovem moça sobre essa situação delicada. Sebastião, com uma visão mais benevolente, não a considera culpada e tenta evitar fazer julgamentos precipitados. Em contrapartida, Julião expressa a opinião de que a moça deve saber o que está acontecendo, e argumenta que, se ela age dessa forma, é porque tem sentimentos pelo outro homem envolvido na situação. Sebastião decidiu “falar-lhe, avisá-la que aquelas visitas do primo, tão repetidas, com espalhafato, numa rua maligna, podiam comprometê-la... Era o diabo, dizer-lhe!... Mas era um dever! Por ela, pelo marido, pelo respeito da casa!” (Queirós, 2015, p. 162).

3.2. PRIMEIRAS INTERVENÇÕES

De acordo com Perrot (2009, p. 246) a família é:

[...] uma microssociedade ameaçada em sua integridade e até em seus segredos. A regra elementar do espírito de família e a defesa de sua honra, porém, passam pela salvaguarda desses segredos partilhados que lhe dão unidade e a contrapõem ao exterior, qual uma fortaleza, mas também introduzindo frequentes fissuras e clivagens em seu interior.

E Sebastião sente-se na obrigação de manter esses segredos a salvo, o mais importante para ele neste momento era preservar a visão que a sociedade tinha da família do seu grande amigo, mantendo a imagem de boa moça que tinha Luísa diante daquela vizinhança que estava atenta a qualquer possível deslize. Ele age, pois, como um moderador das aparências da família burguesa quando intervêm diretamente no assunto falando à moça e a advertindo do tal falatório da vizinhança: “É que se repara... a vizinhança é a pior coisa que há, minha rica amiga. Repara tudo. Já se tem falado. A criada do lente, o Paula. Até já vieram à tia Joana. E como o Jorge não está... O Neto também reparou. Como não sabem o parentesco... E como vem todos os dias...” (Queirós, 2015, p. 168). Luísa se defende em razão de Basílio ser seu primo e se exalta a ponto de Sebastião se assustar: “Aquela cólera súbita nela, uma pessoa tão doce, atarantou-o como um trovão que estala num céu de verão” (Queirós, 2015, p. 168) e segue afirmando inúmeras vezes: “É por causa da vizinhança!...” (Queirós, 2015, p. 168). E o amigo insiste mais de uma vez afirmando que se sentia no dever de avisar, que era para o bem da moça, colocando a preocupação em relação à “calunia dessas línguas danadas!” (Queirós, 2015, p. 170). Tudo isso devido à necessidade de se preservar a

honra, visto que:

Tudo que arranha sua reputação, que mancha seu nome, é uma ameaça. Cerra fileiras contra o estranho que lhe faz uma ofensa. O erro comprometedor de um membro seu mergulha-a num constrangimento cruel. Solidariedade na reparação, punição do tribunal familiar, exclusão, cumplicidade do silêncio: todas as reações são possíveis. Ai daquele, porém, que traz a desgraça! [...] De modo geral, a honra é mais moral e biológica do que econômica. O erro sexual, o nascimento ilegítimo são objetos de uma censura muito maior do que a falência [...]. Em suma, a desonra chega através das mulheres, sempre situadas do lado da vergonha (Perrot, 2009, p. 250).

Luísa percebe a si mesma como uma pessoa desprovida de responsabilidade, assemelhando-se a uma criança que requer a orientação de um tutor. Na verdade, aos olhos daquela sociedade, ela era precisamente vista dessa maneira. E, na ausência do homem que detinha o poder sobre ela, outro homem sente-se no direito de “protegê-la”. Como afirma Kehl (2008, p. 97) “A mulher oitocentista seria, como a criança [...] mais submetida aos princípios que regem a formação das fantasias em função do a-mais de repressão imposto sobre sua vida sexual e social”. Luísa está submetida a essa repressão imposta sobre a expressão de sua sexualidade pelo meio onde vive e aplicada através da figura de poder masculina. Vejamos o que o narrador revela sobre os pensamentos de Luísa a respeito da intervenção de Sebastião: “Porque a intervenção de Sebastião, no fundo, irritava-a mais que os mexericos da vizinhança! A sua vida, as suas visitas, o interior de sua casa era discutido, resolvido por Sebastião, por Julião, por *tutti quanti*! Aos vinte e cinco anos tinha mentores!” (Queirós, 2015, p. 171). Definitivamente Luísa desejava ser responsável por si mesma e por suas escolhas, mas se via coagida diante desta sociedade. E percebe: “Mas se a vizinhança, as relações começavam a comentar, a cochichar... Jorge podia saber!... Aquela suposição o coração arrefecia-lhe... – Sebastião tinha razão, no fundo, era evidente!” (Queirós, 2015, p. 172).

Luísa e Basílio passam então a se encontrar no Paraíso, uma casinha amarela decadente retirada da cidade e em frente a casas pobres, e o primo deixa de visitar a casa da burguesinha, contudo, até as repetidas saídas da moça são reparadas pelos moradores dos arredores. Sebastião, ao saber das “novidades” através da tia Joana:

[...] ficou aniquilado. Toda a rua! Pudera! Se ela agora punha a sair todos os dias, uma senhora, que quando estava com Jorge não saía do buraco! A vizinhança, que murmurara das visitas do outro, naturalmente começava a comentar as saídas dela! Estava-se a desacreditar! E ele não podia fazer nada! Ir adverti-la? Ter outra “cena”? Não podia (Queirós, 2015, p. 212).

Sebastião arma, logo, sua próxima intervenção: ao saber que d. Felicidade torceu

o pé e estava na Encarnação encontrou aí a desculpa perfeita para que Luísa continuasse a dar seus passeios sem que a comunidade ao redor fizesse comentários maldosos. Ela tendo a desculpa de ir visitar a amiga enferma, mantinha uma boa imagem diante dos moradores e, portanto, foi logo dar o recado à senhora. Deste modo,

[...] Luísa podia bem sair todos os dias! Ia vê-la [d. Felicidade], fazer-lhe companhia, tratar dela!... A vizinhança não tinha que rosar! Ia ver a pobre doente!... [...] Estavam justificadas, santificadas mesmo aquelas passeatas todos os dias! Ia ser enfermeira da pobre d. Felicidade! Era necessário que todos soubessem [...] (Queirós, 2015, p. 218).

O motivo pelo qual Sebastião está tão preocupado em preservar a honra da família do amigo, especialmente em relação à opinião da vizinhança sobre a mulher em questão, está ligado ao fato de que as pessoas na rua representam o "olhar do Outro", do qual ele pensa que precisa proteger a esposa do amigo e, ao mesmo tempo, conquistar a estima. Conforme esclarecido por Michelle Perrot (2009, p. 161), os vizinhos desempenham um papel fundamental ao estabelecerem um código de conduta para as casas e as ruas, uma norma que o indivíduo deve seguir para ser aceito na comunidade. E a intervenção do homem parece surgir efeito: "Mas na rua todos a elogiavam" (Queirós, 2015, p. 221).

3.3. A QUEM RECORRER?

Quando Juliana enfim rouba a carta que revelava os segredos de Luísa e exige o dinheiro em troca de não difamar a senhora, Luísa pensa primeiramente em recorrer a "Sebastião! Sebastião era rico, era bom!" (Queirós, 2015, p. 284). Contudo essa ideia logo lhe parece absurda, como poderia ela revelar aqueles fatos? "Era lá possível! Não, estava perdida" (Queirós, 2015, p. 284). No dia seguinte, porém, resolve recorrer ao bom amigo, mas não é capaz de realizar sua decisão: "[...] só o som dos seus passos grossos no tapete da sala deu-lhe uma timidez, quase um terror. Parecia-lhe agora muito difícil, terrível de dizer... [...] Luísa teve uma covardia inominável" (Queirós, 2015, p. 285). E, para além de não dizer nada sobre o seu caso, descobriu as aventuras amorosas de seu marido, que rapidamente são tomadas pelo amigo como tolices, brincadeiras (Queirós, 2015, p. 286). Vê-se aqui a desigualdade de gênero no que concerne à sexualidade "o mais grave é a infidelidade conjugal da mulher. Quanto ao adultério do homem, a tolerância é praticamente absoluta" (Perrot, 2009, p. 257). Jorge mal é julgado pelos seus atos, contra eles Luísa não tem qualquer direito ou poder, enquanto, em relação aos atos dela, todos os direitos são do marido, o que torna a vergonha e o peso da ação tão opressivo para a mulher que ela nem é capaz de mencionar o ocorrido.

Em seguida, Juliana retorna à casa e aos serviços de Luísa, porém, com várias condições, de forma que Luísa deixa de ter autoridade sobre o lar, que era o único espaço de poder exercido por uma mulher burguesa “Definia-se uma *lady* pelo fato de ser alguém que não trabalhava, mas ordenava a outras pessoas que o fizessem, sua superioridade estando estabelecida por essa relação” (Hobsbawm, 2010, p. 361). A perda do poder da senhora sobre a criada decorre do fato dessa última deter algo do interesse de Luísa e, portanto, com isso consegue agir com chantagens e pedidos cada vez mais extravagantes, visto que a mulher não consegue arrumar o dinheiro exigido. Por conseguinte, ela se arrepende de não ter pedido ajuda ao amigo: “na sua casa sob a dominação da sua criada! Ah! Se tivesse falado a Sebastião!” (Queirós, 2015, p. 291) e em vários momentos posteriores, ainda antes do retorno de Jorge, cogita pedir ajuda a ele: “Jurou para si própria falar a Sebastião” (p. 292); “Uma ideia amparava-a: era que apenas Sebastião viesse da Almada, estava salva” (p. 297); “Às vezes, de repente, vinha-lhe uma pontada de medo. Decidia-se então de novo a “abrir-se” com Sebastião” (p. 299). Mas o medo e a vergonha são sempre maiores. Conquanto, quando o marido retorna, cada vez mais Luísa passa a precisar agradar a criada, em virtude de ter presente na casa a pessoa que ela mais temia que descobrisse da carta, Juliana começa a aproveitar do medo de Luísa para fazer-lhe pedidos sem fim: pede-lhe um quarto novo, uma nova esteira, uma cômoda nova para pôr as camisas e vestidos de sair (Queirós, 2015, p. 320-323). O luxo da empregada chega a tanto que mais uma vez os vizinhos começam a falar: “que ali positivamente havia marosca” (Queirós, 2015, p. 322).

Como último recurso, em desespero, vai à casa de Sebastião e conta-lhe tudo que houve, o roubo da carta, a exigência de dinheiro, os presentes, os serviços da casa que Luísa tem feito. E ele ampara-a totalmente, dispõe-se a ajudar: “Tudo o que eu puder, tudo o que for necessário, aqui me tem!” (Queirós, 2015, p. 387). Sebastião planeja tudo para tirar as cartas da mulher e Luísa, muito grata, nem parece crer que ele fará isso por ela. Ele cora e diz que não há más mulheres, só maus homens (Queirós, 2015, p. 390). Sugerindo que, para ele, as ações negativas de uma mulher são resultado da influência ou tratamento inadequado por parte dos homens. Colocam, pois, o plano em ação e Sebastião mostra-se, como descreve o narrador “[...] todo feliz de a servir” (Queirós, 2015, p. 392).

Dessarte, ocorre a terceira intervenção de Sebastião que evita a exposição das ações de Luísa, que poderiam arruinar a família de seu amigo. Sebastião encontra Juliana e a pressiona a entregar as cartas com ajuda de um policial e consegue o que precisa. A criada fica muito raivosa, dizia pormenores da relação com o primo que o

⁴ “marosca”: Ato de enganar alguém de forma fraudulenta. = ARRIOSCA, BURLA, TRAPAÇA in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023.

amigo escutava com pesar, ele manda-a embora da casa e nesse momento ela cai no chão, estava morta.

Com a morte da criada o casal passa algum tempo na casa de seu bom amigo e, apesar de saber de toda a verdade, para Sebastião, Luísa continuava com uma imagem de boa senhora “E era tão feliz tendo-a ali e a Jorge na sua casa! [...] como se a presença dela santificasse a casa” (Queirós, 2015, p. 421). Luísa e Jorge retornam a casa deles e, um dia, na ausência do marido, ela queima as cartas, destrói as provas e vê-se “com os olhos marejados de lágrimas, a sua vergonha, a sua escravidão irem-se, dissiparem-se num fumo alvadio! Respirou completamente! Enfim! E fora Sebastião, aquele querido Sebastião!” (Queirós, 2015, p. 422).

Tais atitudes de Sebastião demonstram um cuidado dele com Luísa e à vista disso Fornos (2017, p. 172) afirma que há um amor por trás das atitudes com a mulher “O amor leva o Sebastião a “assassinar” a empregada Juliana. Antes de tal iniciativa ousada, Sebastião já demonstrara seu interesse, em mínimos gestos, pela esposa de seu melhor amigo. Entretanto, em instante algum, Sebastião concretiza seu amor”. No mesmo sentido, Morais (2010, p. 8) afirma que “Sebastião é apaixonado por Luísa, um amor contemplativo, platônico, é um homem de bom senso, nunca se declara, é uma figura humana nas hostes queirosianas”. Nessa direção também vai o comentário sobre Sebastião feito por Saraiva e Lopes (1996, p. 872) “Sebastião ama assolapadamente Luísa, que cedo sente que ele é o seu mais seguro amparo [...]”.⁵

Por fim, não obstante todos os esforços de Sebastião para preservar a imagem de Luísa, o marido descobre a traição. Para Jorge aquilo é o fim e, da mesma forma que sua esposa, ele também recorre ao bom amigo. Apesar das circunstâncias, Sebastião mantém sua lealdade à Luísa, alegando não estar ciente de nada. Além disso, considerando o estado de saúde debilitado da mulher, ele traz à tona esse fato como se estivesse sugerindo que, mesmo que houvesse indícios de traição, o marido deve considerar isso com compreensão e tolerância, levando em conta as condições de saúde da esposa. Sebastião defende Luísa da mesma forma que defendeu Jorge quando a esposa soube dos casos de seu marido. É a última intervenção que faz sobre o assunto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação não tratamos de uma burguesia modelar, como a britânica ou

⁵ Apesar de não havermos encontrado evidências textuais que corroborem com essas interpretações de amor de Sebastião para com Luísa, optamos por aqui citá-las a fim de explicitar outras perspectivas interpretativas já publicadas sobre a personagem em questão.

a francesa, por exemplo, mas sim de uma burguesia aclimatada, a portuguesa. Ou seja, uma sociedade que via os modelos – Inglaterra e França – e seus valores burgueses e aplicava-os à sua realidade. Franco Moretti (2014, p. 115), ao tratar do vitorianismo, conclui que havia nele o desejo da denegação “Toma-se a verdade que de alguma forma avultou, e ela é colocada entre parênteses.”. É exatamente o que vemos no decorrer da narrativa de *Eça de Queirós*, a verdade quando vem à tona é logo de alguma forma encoberta. Moretti (2014, p. 117) comenta que, de fato, tal característica não se restringiu ao ambiente britânico. Para além disso, esses preceitos, quando aclimatados, se tornam excessivos: “É como se uma experiência desmesurada fosse conduzida diante dos nossos olhos: colocam-se valores burgueses o mais longe possível de seu contexto original para captar seu singular misto de grandiosidade e desastre” (Moretti, 2014, p. 173). Em *O primo Basílio*, a moral burguesa parece tão levada a sério por Sebastião – “um pobre bom rapaz” (Queirós, 1978) como define o próprio autor – fazendo de tudo para manter o véu da hipocrisia intacto diante da sociedade. E quando ele, de certa forma é retirado, no momento que Jorge descobre a carta e vai falar com o amigo sobre o assunto, Sebastião muda de assunto, fala da doença de Luísa, tenta manter a questão “entre parênteses”.

No entanto, apesar dos esforços de Sebastião em manter o véu da hipocrisia intacto, o autor revela que esses esforços são apenas superficiais, incapazes de reconstituir a verdadeira harmonia da família. A rachadura na família lisboeta retratada por Eça reflete uma sociedade em desintegração, onde a preocupação excessiva com as aparências não pode esconder as profundas fissuras que corroem os alicerces da moral burguesa. Portanto, Sebastião não apenas sustenta as aparências, mas também simboliza a fragilidade das estruturas sociais e familiares da época, demonstrando como a sociedade portuguesa estava em crise em um nível mais amplo.

No fim, o que era almejado por Sebastião, em certa medida, se alcança: Luísa é enterrada como “esposa-modelo”, assim lhe chama o conselheiro (Queirós, 2015, p. 453). Mantém-se o véu diante da sociedade. Perrot (2009, p. 258) explica que os conflitos familiares eram resolvidos no âmbito doméstico:

As conveniências, o amor-próprio, o medo dos comentários, a obsessão pela respeitabilidade fazem com que eles sejam enterrados e constituam, sob certos aspectos, o substrato das famílias. Não expor nada, evitar a intervenção de terceiros, “lavar a roupa suja em casa”: preceitos de moral campônia e igualmente burguesa que consolidam a fronteira entre o “nós” e o “eles”, esse exterior sempre ameaçador. [...] Almas piedosas dedicam seus esforços à reconstituição da harmonia rompida. Pois sonha-se que os familiares apresentem uma imagem de entendimento mútuo, todos reunidos para uma foto de família, atestando perante os outros e as gerações futuras da força e serenidade do clã.

Por outro lado, a família não torna a ter a imagem modelar, visto que os esforços de Sebastião foram eficazes para sustentar as aparências, mas não para reconstituir a harmonia do casal. Eça demonstra, portanto, que a família lisboeta está rachada por dentro, e, por extensão – visto que a família sustenta a economia, a sociedade portuguesa também está.

Nesse contexto complexo e intrincado do romance *O Primo Basílio*, a figura, mesmo que como personagem secundária, de Sebastião desempenha um papel crucial. Ele personifica os valores morais e sociais da burguesia portuguesa da época, procurando zelar pela aparência e pela preservação das convenções sociais. É evidente que Sebastião age como um guardião das aparências e da respeitabilidade da família, mesmo que isso implique em esconder a verdade e encobrir os problemas familiares. Sua relutância em discutir abertamente os conflitos, a traição e as falhas morais dos membros da família reflete a importância da imagem pública e a aversão à exposição de problemas pessoais. Por meio de Sebastião, Eça de Queirós ilustra como as pressões sociais e a busca pela aceitação na sociedade moldavam as atitudes e comportamentos das pessoas na burguesia lisboeta do século XIX.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução: George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FORNOS, J. L. G. Sebastião em *O primo Basílio*: Um caso exemplar de personagem secundária?. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 52, n. 2, p. 167–173, 2017. DOI: 10.15448/1984-7726.2017.2.25792. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/25792>. Acesso em: 25 nov. 2023.

HOBSBAWM, E. J. **A era do capital, 1848-1875**. Tradução: Luciano Costa Neto. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HUNT, L. Revolução Francesa e vida privada. In.: PERROT, Michelle. **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

JACOTO, L. Introdução. In.: QUEIRÓS, E. de. **O primo Basílio: episódio doméstico**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a**



modernidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

MAROSCA. In **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/marosca>>. Acesso em: 25 nov. 2023.

MORETTI, F. **O burguês: Entre a história e a literatura**. Tradução Alexandre Morales. 1ª edição. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2014.

MOISÉS, M. Eça de Queirós e o seu ideário estético. **QVINTO IMPÉRIO: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa/ Gabinete Português de Leitura - Centro de Estudos Portugueses - Casa Fernando Pessoa**. - N. 25. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1995.

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. 34ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2006.

MORAIS, R. D. C. O amor na obra o primo Basílio. In: XIII Semana de Mobilização Científica, 2010, Salvador. Economia e Vida: Convergências e Divergências. Salvador: UCSAL, 2010. **Anais XIII Semana de Mobilização Científica**, Salvador: UCSAL, 2010.

PERROT, M. **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Tradução: Denise Bottmann (partes 1 e 2), Bernardo Joffily (partes 3 e 4). São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009.

QUEIRÓS, E. **O primo Basílio: episódio doméstico**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

QUEIRÓS, E. Carta de Eça de Queirós a Teófilo Braga. **Museu da Presidência da República de Portugal**. 1978. Disponível em: <<https://www.arquivo.museu.presidencia.pt/details?id=7139>>. Acesso em: 25 nov. 2023.

REIS, C. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Edições Almedina, 2018a.

REIS, C. Pessoas de livro. **Estudos sobre a personagem**. 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018b.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1996.

VAQUINHAS, Irene. **"Senhoras e Mulheres" na Sociedade Portuguesa do Século XIX**. 2. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

Título em inglês:

SEBASTIÃO: THE GUARDIAN OF BOURGEOIS APPEARANCES



INVENTARIO